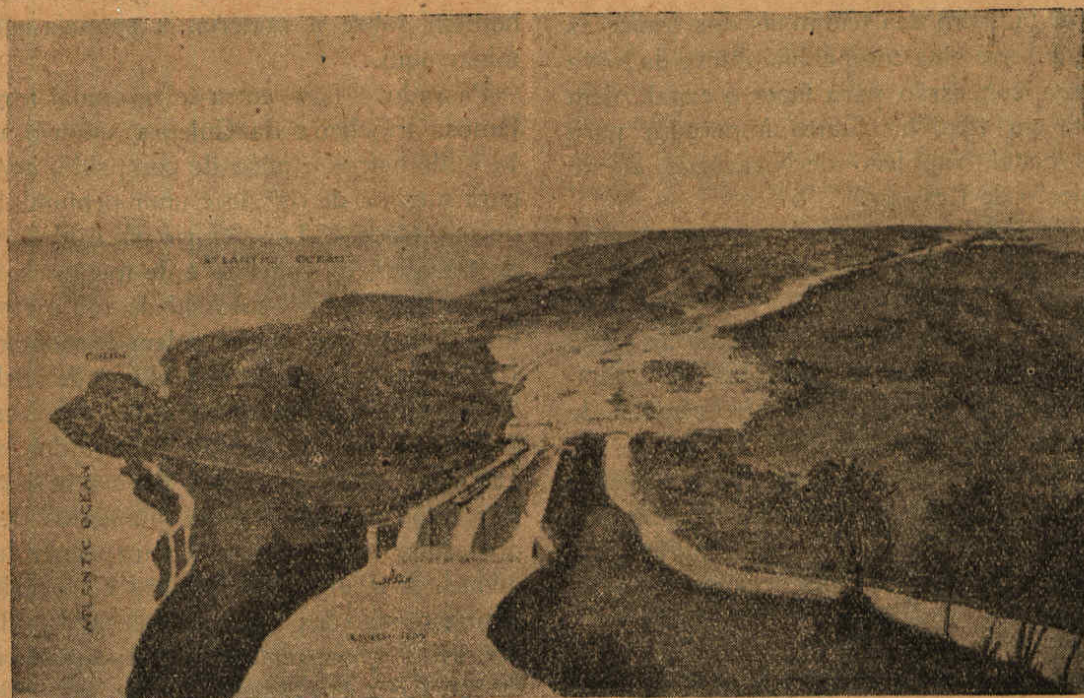


A LIÇÃO DO CANAL

O canal de Panamá é uma das empresas mais gigantescas que o homem acometeu e levou a cabo através de dificuldades sem nome, uma daquelas que melhor dá a medida da sua audácia e da sua

trocentos anos germinou na cabeça do homem. O sonho data de Fernando Cortez, que conquistou o México.

Foi êste o primeiro que teve a ideia de fazer



Vista panorâmica do Canal

fôrça. E' uma vitória bela do espírito conquistando a matéria.

Em frente do Canal é glorioso ser homem. Eu sou dos que crêem no homem, apesar de tudo, contra tudo e contra si mesmo. Quem não crê no homem, que pense no Canal. Oiça e veja o que êle fez: uma das suas melhores obras, formidável de tenacidade e de inteligência, uma obra feita com a sua carne e com o seu espírito, com o Deus que leva dentro de si, um Deus que erra mas que encontra, que cai mas que se levanta.

Realizou-se o sonho centenário que durante qua-

um canal através das regiões do Istmo de Panamá, quando as numerosas tentativas para descobrir uma passagem, que a tradição indígena dizia existir entre os dois Oceanos, faliram por completo. Colombo, La Casa, Américo Vespúcio, Nunez Balboa, o primeiro europeu que viu o Pacífico, e numerosos aventureiros buscaram em vão a celebre passagem. Podia ter existido. Porque não? Um cataclismo, uma convulsão podiam ter separado dois Oceanos que se davam as mãos.

O caso é que ninguém encontrou uma comunicação natural entre os dois mundos de água. En-

tão nasceu a ideia do canal. O homem não cruza os braços ante o seu destino, ainda que tenha que bater com a sua alma na porta que sobre ele se fecha. O homem não desiste. Fizeram-se centenas de projectos para realizar o canal. O primeiro foi do primo de Cortez e companheiro de Balboa, Alvaro de Savedra Ceron. Feito em 1529 previa quatro traçados por Panamá, por Nicaragua, por Tehuantepec e por Darien, precisamente os mesmos em torno dos quais se dividiram as opiniões nos nossos tempos. Parece que às vezes, pelo menos, a historia se repete.

Não quero contar todas as tentativas da Espanha, com Carlos V, com Filipe II e em 1814, para construir o canal, ou seja através o istmo ou através Nicaragua.

Tão pouco falarei dos esforços da Inglaterra, desde Lionel Wafer até ao tratado de Clayton-Bulwer com os Estados Unidos.

Nada direi também das tentativas dos franceses desde 1838, em que uma companhia obteve da Nova Granada uma concessão para fazer o canal, além da proposta em 1846 ao futuro imperador para construir o canal Napoleão de Nicarágua, até ao grande projecto de Lesseps.

Passarei de igual modo em silêncio quanto fizeram os Estados Unidos até à compra da concessão francesa.

Basta saber que houve quatro séculos de lutas, de ambições, de esforços, de derrotas, de hesitações, até à abertura do canal. Quatro séculos de labor, de aventura, de sonho, de actividade até que a terra cedeu o passo à água. Quatro nações empenharam a sua energia, o seu dinheiro, os seus homens, a sua inteligência e a sua esperança na obra prodigiosa de unir os dois oceanos. Só uma triunfou. Porquê?

Eis a lição do Canal.

O canal mede cerca de 81 quilómetros dum extremo a outro e compreende várias secções. Indo da Europa para o Pacífico, depois de atravessar a Limon Bay, encontram-se em primeiro lugar as três duplas comportas de Gatun que elevam o barco à altura do lago Gatun, ou seja a uma diferença de nível de 26,^m50.

Penetra-se em seguida no lago de Gatun, criação artificial de 425 quilómetros quadrados, formada pela captação do rio Chagres, rio tumultuoso, violento, cujas águas na época das chuvas subiam a uma altura de 10 m. em 24 horas e que em certas regiões chegavam a atingir dois terços do *débit* do Niagara. Isto dá uma ideia do seu aspecto torrencial e impetuoso, que foi necessário dominar, impedindo que ele se precipitasse no canal, o que se conseguiu mediante um dique poderoso de 2 km.

413 m. de comprimento, 805 m. de largura na base e 30 m. na *crête*. Diz-se que o volume dos entulhos atingiu cerca de 20 milhões de metros cúbicos.

Imagine-se o que representa um trabalho desta natureza, a soma de energia, de esforços, de inteligência criadora e de espírito de organização para levá-lo a cabo.

As três duplas comportas de cimento armado teem a mesma espessura do dique e 303 m. de comprimento sobre 33,^m53 de largura.

As portas gigantescas são de aço, com uma espessura de 2,^m18, tendo os batentes 19,^m80 de comprimento por 13 a 27 de largura, e um peso variando de 300 a 600 toneladas. As câmaras teem um «tirante» de água mínimo de 12,^m50 e no meio de cada uma delas existem portas suplementares.

Mas, como se as comportas, a criação do lago artificial, a construção do dique extraordinário não bastassem como afirmação gloriosa do poder do homem sobre a matéria, a epopeia não quis terminar aqui.

Passado o lago entra-se no canal formado pela famosa trincheira da Culebra, um rio artificial de 14 quilómetros e meio de comprimento, com uma largura mínima de 91,^m50 e uma profundidade média de 40 metros. Foi necessário um esforço prodigioso de trabalho, de engenho e de maquinismo para fazer esta excavação colossal de 125 metros de profundidade através duma cadeia de montanhas, excavação que representa um volume de rochas e terra de cento e sessenta milhões de metros cúbicos.

Estão ainda na memória de todos as notícias que de tempos a tempos davam os jornais anunciando os deslises, os desabamentos de terra que obstruíam a enorme trincheira, destruíam as máquinas, traziam de novo para ela as ribeiras que já tinham sido desviadas, e ameaçando submergir os operários a convertiam numa espécie implacável de tonel das Danaides ao invés. Era preciso recommençar a luta heroica, sem tréguas, e aceitar a tragédia procurando dominá-la. Recommençar, ter a coragem de fazê-lo, não uma, mas quantas vezes fôr necessário, onde ha um caracter mais nobre, mais viril, mais firme, que dê melhor medida do valor e da força dum homem? Aquele que é incapaz de recommençar a própria vida, se fôr necessário, que cruza os braços ou abandona o lance em frente da catástrofe, não é um homem no mais belo e heroico sentido da palavra.

Nada revela mais dramaticamente a virilidade americana do que essa tenacidade no meio do desastre, essa fé que não desarma quando tudo desaba. Mais de vinte catástrofes caíram sobre a trincheira trágica da Culebra e outras tantas vezes os americanos desviaram as ribeiras, retiraram a

água das inundações e as colossais massas de terra que enchiam a trincheira e prosseguiram o trabalho onde o tinham deixado quando surgiram as tormentas.

Por fim o seu heroísmo paciente, obstinado e inteligente triunfou, e a Culebra foi vencida.

Chega-se a Pedro Miguel. Começa a descida. De novo tres comportas asseguram a passagem para o Oceano Pacífico. A diferença de nível é de 29 metros.

Tal é nas suas grandes linhas o canal construído pelos americanos e que os franceses não puderam realizar.

Como se sabe, a Companhia Universal do Canal Interoceânico fundada por de Lesseps iniciou os seus trabalhos no dia 1 de fevereiro de 1881. Mas sete anos depois, em 1888, a Companhia entrava em liquidação.

Panamá, todos se lembram, foi uma grande falência moral, política e económica, uma tragédia enorme.

A análise das razões do desastre francês e das da vitória americana é uma lição proveitosa de factos e exemplos que encerra um alto sentido moral e social.

O triunfo americano foi devido ao seu entusiasmo persistente, à sua capacidade de realização criadora, ao seu espírito de fecunda e inteligente organização do trabalho, ao altíssimo valor dos chefes que o dirigiram, à honradez administrativa da empresa. Essas qualidades essenciais ontem, são hoje ainda mais profundamente necessárias em qualquer obra que se empreenda. As condições da vida contemporânea acentuaram mais intensamente a sua necessidade.

Não faltou aos franceses entusiasmo. Mas entusiasmar-nos não basta. A qualidade e a duração do entusiasmo é que importa. O entusiasmo latino é curto, não tem o fôlego necessário. Arrancamos com fúria, mas perdemos a força e a fé no caminho. A madrugada para nós é sempre bela. O dia inteiro, porém, parece-nos demasiado longo. Temos o entusiasmo explosivo, um entusiasmo que se consome e derrete em poucas horas. Temos a pretensão de sermos povos apenas incumbidos da missão de criar ideias. De todos os gestos do trabalhador humano aquele que mais nos agrada é o gesto do semeador. E' o gesto que melhor satisfaz a nossa ância de belêsa e a nossa paixão das ideias. Um semeador, erguido, altivo, de gesto amplo, num campo, eis a atitude do latino.

Mas semear não basta, por mais belo e mais necessário que seja. E' um gesto incompleto. Os homens do nosso tempo pretendem mais e melhor. Não querem só conceber, querem realizar tam-

bém. Para êles as ideias que não se transformam em acção não teem um verdadeiro sentido humano. Julgam que não só é estéril, mas muitas vezes imoral, a prédica que não germina, floresce e frutifica em obras.

O entusiasmo americano não foi um fogo fátuo, um clarão repentino, mas uma intensa alegria criadora que não descançou em quanto não alcançou o fim proposto, o entusiasmo do trabalho contínuo através de todas as dificuldades, o entusiasmo que parece frio por fóra mas que é todo incessante combustão interior, o entusiasmo concentrado que não cede, não desanima, nem depõe as armas senão ao pé da obra realizada. Foi a ideia fixa em vencer.

Tampouco faltou aos franceses a audácia, a nossa audácia latina, brilhante, sonora, generosa, vibrante, teatral, tão carregada de defeitos, como de emoção. Mas a nossa audácia latina é bravura sem olhos, a bravura que é desprêso de tudo e de si mesmo. Uma audácia cega. Ser audaz, latinamente falando, é atirar-se para a fogueira, é um desejo louco de imolação. E' uma audácia que não conhece o perigo, nem quer conhecê-lo. E' precipitar-se de cabeça ao fundo do desconhecido. E' dar-se integralmente, sem reflexão, todo o coração no primeiro impulso, sem temor de perder-se totalmente. E' uma fúria divina de consumir-se, uma embriaguez voluptuosa de aniquilar-se. Mas essa audácia já não triunfa nos nossos dias. A vida moderna exige outras formas de heroísmo.

Hoje a audácia que conquista não é a audácia do impulso, do capricho, da loucura, da violência transbordante, de plumas ao vento, espalhafatosa, com grandes gestos e majestosas atitudes. A audácia dos nossos tempos é a audácia calma, tranquila, audácia que é disciplina, que é obediência esclarecida, a audácia cheia de flexibilidade, a audácia que não quebra mas que é oportuna, a audácia feita de paciência que não desanima, de coragem que persevera, áspera, dura no esforço contínuo, a audácia que sabe esperar, aceitar e recomeçar. É uma audácia fina, subtil, inteligente, que conhece o perigo, que o mede, que procura vencê-lo com ciência e com arte, que rodeia os precipícios sem cair nêles, que trepa as encostas sem rodar de alto a baixo. É uma audácia que espregueira e que esgrime, que recua mas não foge, e que por isso triunfa. Não é a audácia paixão irresistível, é a audácia inteligência creadora. O francês foi escravo dessa paixão. O americano dominou a audácia, soube manejá-la, utilizá-la, como quis e quando quis. E assim pôde vencer.

Também não faltou dinheiro à companhia francesa. Teve quanto pediu. O ouro não deixou de correr. Panamá foi uma orgia amarela de metal, um

grande pântano brilhante sob o sol dos trópicos. E com o dinheiro teve as máquinas poderosas e a mão de obra que julgou necessária.

Mas de que serve o dinheiro, se fôr mal administrado e utilizado? O canal não devia custar mais de 625 milhões de francos e consumiram-se mais de dois bilhões, sem que chegasse a metade do que devia ser. Gastou-se dinheiro a rôdo, sem tom nem som, em ordenados fantásticos, em máquinas e instrumentos sem utilidade, em trabalhos desnecessários ou mal conduzidos. Tudo se fez com o fausto extravagante, teatral do velho fidalgo que vive em cada latino, com o seu orgulho perdulário de grão senhor, acostumado de longa data à riqueza criada sem esforço, ao maná providencial das Índias longínquas, das caravelas de ouro.

Os americanos empreenderam e concluíram os trabalhos gastando dois bilhões. E quantos estudaram a organização administrativa americana todos reconheceram que nenhuma empresa foi conduzida dum modo mais nítido, mais sincero, mais escrupulosamente honrado.

Aqui tocamos o vício fundamental de todo o trabalho latino, porque o mal é geral: a falta de organização. Trabalha-se sem ordem, sem método, sem espírito de previsão, sem economia de forças nem de tempo. Tudo se faz ao acaso da improvisação, do capricho de momento, sem plano definido, o pormenor tomando o passo ao principal, sem visão de conjunto, sem disciplina e sem constância. Um trabalho assim é um amontoado desordenado de esforços que se perdem ou se chocam na confusão, na esterilidade ou na imperfeição. Ora o rendimento qualitativo e quantitativo do trabalho depende essencialmente das condições em que se realiza.

Foi pelo seu espírito admirável de organização que os americanos triunfaram em Panamá e triunfam onde quer que seja.

Hoje mais do que nunca o problema da organização do trabalho é um problema dominante em todas as manifestações da actividade humana.

Tornar o trabalho fácil e viável, produtor e eficaz, claro e preciso, económico e intenso, alegre e criador, ordenado e metódico, sem excesso nem fadiga, tal é a primeira condição essencial da ciência e da técnica do trabalho.

A higiene do trabalhador não é sómente um dever de justiça social, é uma exigência imprescritível do êxito duma empresa. Os franceses não viram que a organização sanitária era o problema fundamental a resolver. O istmo onde o canal tinha que ser construído passava por ser o túmulo dos brancos. Pantanoso, cheio de miasmas, era o reino obscuro, sombrio e trágico da febre amarela

e da malária. Os trabalhadores, vítimas do flagelo, caíam às centenas.

Os franceses construíram um hospital admirável, tiveram quinino a rôdo. Apenas se preocuparam com curar e salvar os doentes. Era o velho critério latino essencialmente repressivo que dominava.

Os americanos, de inteligência prudente e previsora, viram que prevenir era melhor do que remediar, e que extinguir a febre amarela e a malária era muito mais belo e mais produtivo do que curá-la. Consagraram os três primeiros anos à luta contra a doença mortal. Em vez de encher de quinino os doentes, inundaram de petróleo bruto todos os focos de infecção, fizeram instalações de exgoto e de água pura, destruíram as imundícies, tornaram o istmo habitável, apropriado para o trabalho, acabando com as febres. Golpe de vista genial do nó gordio do problema e que salvava a mão de obra para o trabalho regular e prodigioso da construção.

Outro problema de organização que os americanos, ao contrário dos franceses, resolveram admiravelmente, foi o das subsistências. A intendência assegurava, sem realizar nenhum lucro, o serviço dos abastecimentos. Empregados e operários alimentavam-se bem e podiam fornecer um trabalho enérgico e decidido.

Além destes serviços os americanos criaram outros de interesse social indispensável: estradas, agências postais, habitações confortáveis e escolas para os filhos de brancos e de pretos, onde as crianças eram conduzidas gratuitamente em trens especiais. Admirável povo este que nunca perde de vista o interesse colectivo e onde não há nenhuma força nem instituição — na ciência, arte, religião, moral, indústria, política e educação — que não esteja impregnada dum elevado sentido social, dum altíssimo espírito de comunidade. E o que é para surpreender, à primeira vista dum exame superficial, é que isso se dê num país de forte individualismo e de vincadas personalidades, e que, pelo contrário nós, latinos e europeus, que nos dizemos raças amoráveis e sociáveis, sejamos na nossa vida colectiva a encarnação dolorosa e vergonhosa do mais estéril egoísmo pessoal!

Criadas em torno do trabalhador as condições mais favoráveis de higiene, alimentação, habitação, descanso e vida social, os americanos não ficaram por aí.

Foi na América que nasceu com W. Taylor a organização científica do trabalho.

Panamá foi uma conquista da técnica inteligente, da capacidade realizadora, da ciência aplicada.

Um dos problemas importantes que preocupa a

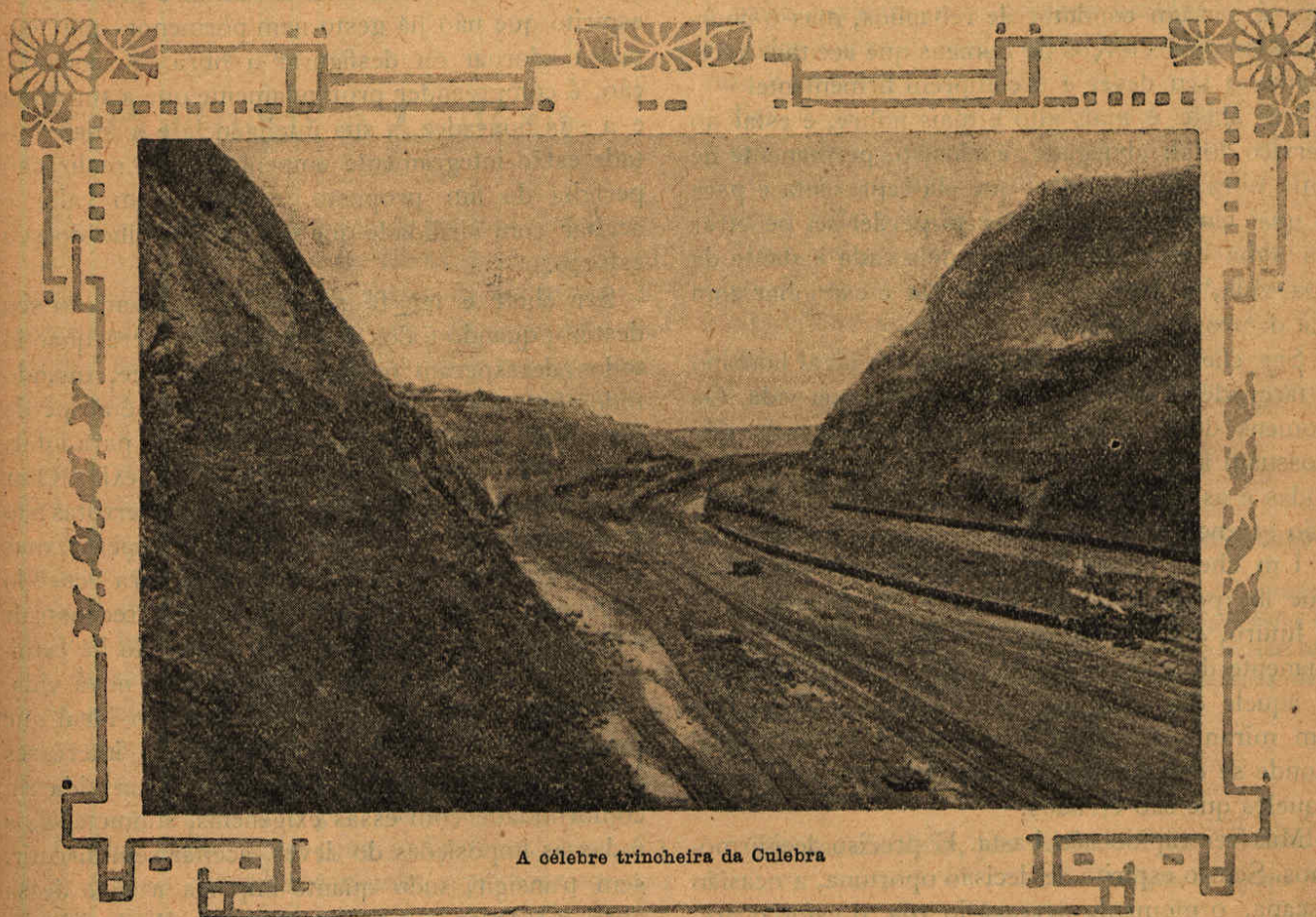
moderna organização científica do trabalho é a selecção dos trabalhadores, a utilização dos mais aptos fisicamente, intelectualmente e profissionalmente para o desempenho das funções industriais.

A mão de obra francesa era um montão heteróclito e bárbaro de aventureiros de todos os países, incapazes, na grande maioria, do trabalho que deles se exigia.

Os americanos, pelo contrário, escolheram, seleccionaram o seu pessoal. Entre os brancos levaram

complicado das empresas latinas, sobretudo quando o estado faz de industrial.

Imagine-se, dados os elementos anteriores, o que foi a divisão do trabalho, com que inteligência, com que acerto nas circunstâncias, com que tino nas aplicações ela foi realizada. Cada homem no seu posto, cada função no seu lugar, cada faina no seu tempo, tudo intimamente unido, trabalhando de concerto para a obra comum. Uma admirável divisão e coordenação de esforços convergindo harmonicamente para o fim a alcançar. Alguem notou,



A célebre trincheira da Culebra

dos Estados Unidos os empregados e operários qualificados para o trabalho que tinham que fazer.

Entre os pretos escolheram a população robusta e sadia das Barbadas, nas Antilhas inglesas. Seleccionaram os homens que convinham, de modo que cada um no seu posto, segundo as suas aptidões e as suas capacidades, pudesse tomar uma parte fecunda na obra gloriosa.

Assim como seleccionaram o pessoal, seleccionaram as máquinas, os instrumentos, as ferramentas necessárias e adequadas para cada género de trabalho.

Compare-se essa seriedade, essa compreensão viva das necessidades técnicas com o exemplo do material imprestável, ou inadequado, ou inútil, ou

como uma das particularidades dos estaleiros do Panamá, que, se havia milhares de homens trabalhando, não obstante não havia senão alguns homens num mesmo sitio para uma tarefa determinada. Os homens precisos e não os zângãos nocivos.

Por cima de todos estes admiráveis factores e condições de trabalho havia uma direcção inteligente, esclarecida, previsora, criadora, que dava um rumo definido, uma orientação necessária à obra de todos. Goethals e Gorgas foram dois chefes, na mais nobre e na mais humana expressão da palavra.

Chefe! Eis a palavra e o acto necessário. Quem é capaz de dizer tudo quanto encerra esta palavra e este acto? Palavra gasta pelo uso da vida, car-

regada de anos, de pó, de tristezas e de crimes, até! Mas que vigor e que alma não há nela quando compreendida como deve sê-lo e tomada no sentido profundo da vida que encerra: a vida feita com homens, com aspirações e valores supremos e ideais.

Um chefe, mas onde os há dignos dêste nome no conceito humano da palavra! Ser chefe não é estar ao serviço dos seus interesses. Realizar uma obra pessoal não é ser chefe. Também não é ser chefe estar ao serviço dos interesses dum grupo, dum partido, duma seita ou duma escola. Ser chefe não é ser um condutor de rebanhos, mas o coordenador dos esforços de homens que aceitam livremente o seu dever e o cumprem firmemente.

Ser chefe é mais alto e mais nobre, é estar ao serviço total, abnegado, exclusivo, permanente de uma obra, é ser o ideal que ela representa e para o qual ela tende, é dar-se sem perder-se, penetrar na alma dessa obra e viver nela cada instante da sua vida, é iluminar-se com ela e caminhar com ela dentro do seu ser.

Ser chefe é servir uma obra, um ideal humano e fazer dêste acto o maior acto da sua vida. Os homens dessa estatura são raros. Poucos há que possuam as qualidades dum chefe, que as possuam todas e as vivam todas. Porque essas qualidades não se encontram a cada passo a beira do caminho.

Um chefe possui um admirável golpe de vista que lhe permite ver do alto e ver longe, antecipar o futuro, discernir o essencial do pormenor, o permanente do transitório, abarcar o caminho andado e aquele que está por vir. Êsse golpe de vista é um mirante espiritual sôbre toda a jornada ideal donde se descortinam os caminhos que são bons e aqueles que são errados.

Mas ver rápido não basta. E' preciso decidirmo-nos. Sem o espírito de decisão oportuna, a ocasião escapa, o momento necessário vôa, o esforço preciso perde a sua razão de ser, a aplicação indispensável deixa de fazer-se, a medida perde o seu alcance e a obra pode apoucar-se ou aniquilar-se. A decisão é uma flecha do espírito que se incarna na acção.

Mas ser chefe não é sómente um poder de compreensão e de decisão, é um poder de amor, porque é dom constante de si mesmo. O chefe não conta os esforços nem as dores. Não as mede nem no tempo nem no espaço. Pagar com o seu corpo e com a sua alma, eis a sua lei.

A sua abnegação, o seu espírito de sacrificio devem ser um apostolado vivo e constante de exemplo e de acção. Ser chefe é saber desprender-se de si mesmo, elevar-se acima de si mesmo, fazer calar em si tudo quanto levamos de pes-

soal. Não é vêr-se, nem escutar-se, nem sentir-se a si mesmo, mas ver, escutar e sentir a obra que servimos. O chefe está em toda a parte, começa antes de todos e termina depois de todos. É uma lâmpada votiva constantemente acêsa ao pé da obra que realiza.

Ser chefe é ter o sentimento vivo das suas responsabilidades, a consciência em chama da sua missão. É sentir-se solidário com todos os esforços e cúmplice de todos os defeitos, é sentir o seu próprio destino inflexivelmente unido e irmanado com o destino da obra, é ter sempre presente ao espírito que não há gesto nem pormenor que não possa adornar ou desfigurar a obra em construção, é compreender profundamente que a sua alma e a sua honradez, a sua inteligência e a sua vontade estão integralmente empenhadas na realização perfeita do fim proposto, é saber com valor e aceitar com virilidade que o triunfo é filho do seu esforço.

Ser chefe é ter fé na obra a realizar, no seu destino; quando todos descreem o chefe crê, quando todos desesperam o chefe não esmorece, quando todos fogem êle fica, e se cai, cai de pé ao pé da obra. Não precisa da certeza da vitória para lutar, contenta-se com uma probabilidade de êxito. O ar dos combates é um tónico para êle. As derrotas não o abatem, erguem-no mais alto. Sabe esperar, mas não cede, e se aceita o inevitável é para vencê-lo mais tarde. O chefe sabe recommençar e reconstruir sôbre ruínas. Porque não ignora que não há cemitério onde não germine e floresça uma nova vida.

O chefe sabe obedecer: obedecer ao ideal que representa a sua obra, obedecer aos interesses desta e ao seu destino, disciplinar a sua vida em conformidade com essas exigências, submeter-se a todas as imposições do dever, aceitar sem discutir, sem transigir, tudo quanto importa à vida dessa obra. O chefe é o maior exemplo de obediência. E é porque sabe obedecer que o chefe sabe mandar. Porque mandar é no fundo ainda obedecer.

Os homens que dirigiram a obra do Canal fôram chefes genuínos. Por isso venceram.

Por certo a empresa americana tem as suas sombras, os seus vícios, os seus defeitos. Mas é preciso erguer-nos sôbre êles. E' necessário vêr do alto. Aqui, como em tudo. Esmiuçar uma obra, ou um homem, é perder-nos nos pormenores. Eu busco nos homens e nas coisas o que os engrandece e não o que os apouca. Tenho sede do que é grande, e doi-me o que é pequeno. Passemos, pois, altos sôbre a vida.

Não obstante os seus defeitos, quanto temos, nós latinos, que aprender nesta lição do Canal!

Possuimos qualidades preciosas, mas não as

educamos e por conseguinte não sabemos utilizá-las.

É por isso que o problema fundamental dos latinos é um problema de educação, de direcção espiritual e de organização.

É um trabalho lento de construção, que demanda tempo, boa vontade esclarecida, esforço persistente, inteligência clara dos nossos defeitos e aptidões e um ideal nitidamente orientado.

FARIA DE VASCONCELOS.

(Do livro no prélo: «Por terras de além mar — Viagens na América», edição da «Seara Nova»).